

Apresentação

Este número da revista Gragoatá caracteriza-se por uma perspectiva de diálogo intensivo ao buscar compreender alguns *percursos do contemporâneo*, ou seja, trata-se de apresentar, discutir, analisar modos, formas e estratégias de deslocamentos referenciais ou metafóricos entre as diferentes culturas e literaturas. A ementa divulgada atraiu a atenção de um número surpreendente de possíveis colaboradores, demonstrando as muitas vias de estudo para pensar trânsitos culturais e textuais, subjetividade e alteridade, figurações e desfigurações do espaço, releituras da tradição e diálogos interdisciplinares. Entre tantas contribuições, selecionou-se um conjunto de ensaios provocantes, cuja contribuição teórica ou analítico-crítica o leitor bem poderá avaliar.

Duas grandes questões serviram de balizas à organização deste número: de um lado, a reflexão teórica acerca da maneira pela qual, até hoje, o Brasil recebe o olhar europeu, assimila-o e passa a se analisar de “fora para dentro”, nos espaços plurais da literatura, de outras artes, da mídia e da vida cultural. Para tanto, há que se repensar alguns tópicos dos estudos literários, tais como os que se relacionam às noções de fontes e influências, dependência cultural e colonialismo, construção e transplante das ideias de identidade cultural e nacional, entre o Brasil e a Europa. Essas reflexões sustentam muitos dos textos do presente número, oferecendo material abundante para o estudo desse cruzamento de olhares; de outro, o fortalecimento de uma teorização interdisciplinar em torno do espaço e da paisagem, levando-nos a rever determinadas limitações de análise e a ampliar a discussão sobre configurações da subjetividade a partir da percepção / habitação de espaços e de trocas intersubjetivas que redimensionam a relação entre exterioridade e interioridade, entre natureza e sociedade. Seja na ficção, seja na poesia, acompanha-se um vigoroso debate sobre a constituição de uma geografia literária, que poderá possibilitar a ampliação de abordagens teórico-críticas em torno do sujeito e sua relação com o mundo.

Escrita que viaja

Partimos da consciência de que a ambiguidade entre melancolia e triunfalismo românticos tem desdobramentos interessantes na literatura brasileira, herdeira desses conceitos europeus, a começar pela própria ideia de nação, construída, no Brasil, a partir da visão europeia sobre a América. O tema não foi esgotado e merece um tratamento analítico mais denso, levando-se em conta que o olhar europeu sobre o nosso país

contribui para elaborar a construção da ideia de nação brasileira e de uma literatura nacional, que colaborasse nessa construção, para que o Brasil servisse de contraponto da Europa. Constatou-se, então, que o romantismo produz, paradoxalmente, por um lado, o conceito de autonomia do processo artístico e a noção de *gênio*, enquanto, por outro lado, elabora o conceito de nacionalidade, relacionando nação e literatura. Repensando a assimilação nacional do imaginário europeu sobre a construção da ideia de identidade brasileira na literatura, importa refletir sobre essa troca de olhares nos relatos de viajantes europeus.

Nas *Rêveries du promeneur solitaire*, Rousseau questiona melancolicamente os resultados das utopias do progresso e da ciência. Diante do desencanto com tudo o que entusiasma o seu século, só resta ao autor o refúgio em si mesmo, na solidão, na busca do autoconhecimento. O próprio texto é uma mistura de gêneros, tão ambíguo quanto a modernidade que ele representa. No limite entre autobiografia, poema em prosa, ensaio filosófico, as *Rêveries* são o ponto de partida das reflexões modernas, na filosofia, na literatura e nas artes em geral.

Leitores de Rousseau no Brasil, muitos autores manifestam o desejo de identificação da natureza com a pátria, que, assim, surge frequentemente em discursos que a descrevem como essencialmente *diferente* em relação à metrópole. Percebe-se como a questão do imaginário é fundamental nessa troca de olhares, responsável por muitos conceitos, ideias e movimentos que aqui se desenvolvem, principalmente a partir do início de 1816.

O termo “literatura de viagem” suscita ambiguidade, dando ao relato um status de gênero, que merece ser problematizado. O escritor viajante é, antes de tudo, *um jornalista em missão*, afirma François Moureau. Por outro lado, é a viagem que faz o escritor. Mas não basta ser um escritor e viajar, para sentir a necessidade de passar da situação de espectador para a de narrador. Na verdade, a literatura de viagem parece não interessar muito, nem ao ficcionista, nem à narrativa memorialista. Enquanto escritor, Rousseau, por exemplo, não nos conta grande coisa de suas viagens. Em compensação, o memorialista das *Confessions* pinta com exagero o que vê e se apresenta como herói em contextos e cenários que o valorizam.

A narrativa de viagem surge junto com a imprensa e trata, inicialmente, da única coisa que valia a pena ser narrada, aos olhos renascentistas, pós-medievais: as peregrinações, as cruzadas, as viagens à Terra Santa. Marco Polo, mais ou menos na mesma época, impregna os seus relatos de fictício e imaginário, seduzindo os europeus para as viagens a novas terras e o encontro com novos povos. Há quem diga que ele nem sequer esteve na China, o que torna mais interessante ainda a sua narrativa, pois a liberta da memória, passando a figurá-la nos domínios do fictício e imaginário. A partir dos Descobrimentos, os jesuítas

foram os primeiros a divulgarem os relatos de suas missões, *ad majorem Dei gloriam*. O velho mundo é sacudido nas suas certezas, surge a *Utopia* de Thomas Morus, em 1516, dando conta das mudanças que ocorriam na concepção dos europeus, diante da descoberta do outro. Durante séculos, o relato de viagem estará ligado à ficção utópica.

No século XVI, além de Pero Vaz de Caminha, os dois primeiros viajantes a escreverem sobre o Brasil são franceses: André Thevet e Jean de Léry. Pode-se afirmar que há três aspectos fundamentais nos escritos desses autores: ver, descrever completa e pormenorizadamente tudo o que se viu e publicar, visando preservar a memória. Esses três aspectos serão fundamentais na literatura europeia de viagem.

Por outro lado, nessa época, um certo subjetivismo literário, se podemos chamá-lo assim, começa a tomar o lugar do academicismo clássico, na Europa, dando origem a gêneros como o diário íntimo, ou as memórias. Embora esses gêneros já sejam frequentes na literatura ocidental há muito mais tempo, é no final dos setecentos que eles passarão a ser impregnados do “eu”, associando memória, fictício e imaginário, como nunca antes. A narrativa de viagens apodera-se do ritmo e da técnica do episódio e do relato histórico, assegurando a cor local, através de um olhar testemunha, subjetivo. Surge, então, a categoria do escritor viajante, com uma dupla função: ser um olhar que escreve e, ao mesmo tempo, um escritor, longe da sua mesa de trabalho, e em permanente ação. Para esse autor, a escrita está diretamente vinculada ao olhar.

Trânsitos de paisagens

Ao falarmos de olhares, pensamos como, na atualidade, é fundamental ampliar a discussão sobre espacialidade, visualidade e subjetividade, a partir da concepção interdisciplinar característica dos estudos estéticos, especialmente literários, que se vêm desenvolvendo em vários centros importantes de pesquisa, desde os anos setenta. Entre esses estudos, há uma renovada problematização da paisagem, como atesta a rica bibliografia mais recente a respeito, com inúmeros estudos teóricos e críticos que questionam, entrecruzam, examinam, com outros parâmetros, a construção da subjetividade contemporânea e as experiências de alteridade num mundo cada vez mais paradoxal. Não simplesmente a paisagem como tema, como enunciado descritivo (*in situ*), mas fundamentalmente como uma *estrutura de sentido* que configura e/ou desfigura a relação entre sujeito, palavra e mundo por meio do olhar (*in visu*), como vem defendendo, por exemplo, um dos colaboradores deste número, Michel Collot.

Em nosso tempo, em que acompanhamos os graves problemas que ameaçam os ambientes, destruindo-os ou desfigurando-

-os com sérias consequências, a questão paisagística tornou-se um núcleo de discussão cada vez mais recorrente sobre a ação do homem no espaço natural, como, entre nós, discutiu o sempre presente geógrafo Milton Santos e, fora do Brasil, outro geógrafo bastante renomado, Augustin Berque. A partir de 1970, a noção de paisagem foi retomada em diversas áreas de reflexão, como a geografia cultural, história da arte, semiologia, arquitetura, sociologia, psicologia, antropologia, história e filosofia, em diferentes níveis de análise: morfológica, funcional e simbólica. Ainda que sejam diferentes abordagens com diferentes pressupostos, há um ponto comum nessa retomada: a paisagem é compreendida como um *dado* construído, envolvendo percepção, concepção e ação, vindo a constituir uma estrutura de sentidos, uma formulação cultural, como discutem em suas diferentes obras, para somente citar alguns nomes já incontornáveis, Augustin Berque, Alain Corbin, Alain Roger, Pierre Sansot, Simon Schama e Yi-Fu Tuan. No âmbito da literatura, trata-se de discutir a percepção da paisagem como percepção sobre o *estar no mundo* e o *estar na escrita*, lugares de habitação e reflexão cultural, social e estética, a partir de experiências de sujeitos individuais ou coletivos, retomando-se a discussão sobre a subjetividade e alteridade, referência e metáfora, sobre novas bases conceituais e a partir de diferentes experiências culturais contemporâneas como defende, especialmente, Michel Collot e seu grupo de trabalho na Université Paris 3.

É certo que a paisagem, como tema, foi fortemente trabalhada no Romantismo constituindo-se como resultado do encontro entre sujeito e natureza, com implicações identitárias determinadas, que nos soam hoje um tanto anacrônicas. Os estudos que historicizam a questão da paisagem na literatura mostram a sua forte presença ao longo dos séculos XIX e XX, como também indicam a crise que pôs em debate elementos relacionados: a perspectiva, a representação, a figuração e a subjetividade. Após as vanguardas que teriam declarado de forma enfática a recusa da paisagem como figuração de mundo, a paisagem retorna como tema e fundamentalmente como *estrutura significativa*, e os diferentes artistas modernos e contemporâneos dela trataram (e tratam) com diversas estratégias e com a produção de diferentes efeitos os quais, seguindo os teóricos, poderiam ser nomeados como transfiguração, desfigurações, abstrações e refigurações. Já com Paul Ricoeur, as noções de figuração, configuração e refiguração, defendidas em seu *Tempo e Narrativa*, comprovaram a relevância do texto literário como lugar de interação entre escrita e leitura, entre referência e metáfora, entre obra e mundo.

Não se trata, porém, de mera aplicação aos textos literários de esquemas e estruturas explicativas, mas da problematização contínua da paisagem como um processo cultural, como efeito de um modo de ver, fixar ou deslocar identidades e confrontar sub-

jetividades, na tensão contínua entre dentro e fora, ipseidade e alteridade, visível e invisível. No tecido literário contemporâneo, a visualidade revela leituras críticas do mundo, da linguagem e do sujeito. Num tempo caleidoscópico como o nosso, onde predominam as noções de fragmentação, quebra, desordem, multiplicidade, os estudos de paisagem dão a ver problematizações importantes experimentadas pelos sujeitos em seus contextos existenciais, revelando experiências de perda, deslocamento ou, por outro, reconhecimento de singularidades culturais num tempo de massificação e indiferenciação identitárias.

Os textos reunidos nesse número dialogam com esses pressupostos e possibilitam o conhecimento ou avaliação mais informada sobre essas diferentes abordagens e suas diversas trilhas de reflexão.

Cruzamento de percursos

De início, apresentam-se dois ensaios que sintetizam esses “percursos contemporâneos”, seja pela proposta de uma nova área de estudos em torno das representações e percepções do espaço na literatura, seus desafios e perspectivas, seja pelo questionamento da ideia de “cultura em crise”, tão em voga na contemporaneidade, com o exame das manifestações culturais, na sua diversidade e pluralidade de perspectivas. O primeiro artigo é de autoria de Michel Collot (Université Paris 3, Sorbonne Nouvelle), um dos nomes mais reconhecidos internacionalmente no campo dos estudos de paisagem em literatura e do lirismo no século XX; o segundo, de José Luís Jobim, professor de teoria da literatura da UFF e da UERJ, que vem há muito publicando obras sobre a constituição do literário no mundo atual.

Seguem-se ensaios que abordam diversas produções literárias, de diferentes espaços e épocas. Imperam a heterogeneidade de perspectivas e o dinamismo de análises que provocam o leitor a reexaminar determinados estados de arte e parâmetros críticos. Assim, em *Crônicas da França Equinocial: imaginários dos religiosos franceses na Amazônia Oriental do século dezessete*, de José Guilherme dos Santos Fernandes, são discutidas as representações narrativas e imagéticas de religiosos franceses, na tradução para a Europa das paisagens e costumes no Brasil do século XVII. Nessa mesma linhagem, Celina Maria Moreira de Mello apresenta *O Grand Tour e o Risorgimento: imaginários românticos da Itália na literatura francesa*, examinando relatos de viajantes franceses no século XIX, em cartas, memórias, guias e narrativas, na relação entre imaginário, pintura e literatura. Ainda sob o viés de trânsitos culturais, Olinda Kleiman, professora de literatura portuguesa da Universidade de Lille 3, questiona a produção dramática de Gil Vicente para avaliar os mecanismos de linguagem utilizados por essa voz maior do

teatro medieval português, apontando a forma como se relacionava com as culturas europeias, principalmente a francesa, de que a sua veia jocosa se alimentava. Esse estudo é enriquecido ainda por um anexo em que se apresenta, em francês antigo e em tradução para o português, uma das novelas que compõem o livro das *Cent nouvelles nouvelles* oferecido ao duque de Borgonha por volta de 1461-2. A novela transcrita é a décima sétima e a ensaísta busca demonstrar como serviu de hipotexto para Gil Vicente, na construção de uma cena do Auto *Floresta de Enganos*, envolvendo o Juiz e a Moça.

A relação intercultural é tema forte, também, no estudo de Márcia Seabra Neves, da Universidade Nova de Lisboa, que, em *Um olhar sobre a francofilia presencista: ecos de um amor não correspondido*, procura analisar como um grupo literário português das primeiras décadas do século XX, ou seja, do que se convencionou chamar o *segundo modernismo* português, à volta da importante revista de crítica e arte – *presença* – relacionou-se com a cultura francesa dominante à sua época. Nesse estudo comparativo, indica-se o descompasso entre as duas culturas na medida em que, se a cultura francesa foi dominante no periódico português, com duração de cerca de vinte anos, sobretudo em torno dos artistas ligados à “*Nouvelle Revue Française, tutelada pelo magistério crítico e doutrinário de André Gide*”, não se registra do lado francês diálogo ou interesse semelhante pela cultura portuguesa veiculada pelos presencistas.

Atravessando-se o Atlântico, em direção às Américas, Bernard Andrès, da Universidade do Quebec, em Montreal, questiona em seu artigo *O Quebec e a laicidade em 2012*, qual seria a relação entre os quebequenses «autênticos» com as comunidades oriundas de uma imigração recente, cujos membros ostentam suas crenças religiosas e tentam, às vezes, impô-las juridicamente. O ensaísta discorre sobre a divisão existente na sociedade quebequense quanto a essa questão. No âmbito ainda da cultura do Quebec, o estudo de Maria Bernadette Porto intitulado *A Geografia como poética da existência na obra de Gabrielle Roy* analisa com acuidade a experiência da “*estrangeiridade*” e dos deslocamentos que deram à escritora o acesso à descoberta da distância e da alteridade. O diálogo sobre hibridismo cultural, trânsitos identitários e cruzamentos de experiências linguísticas diferentes amplia-se com a contribuição de Ana Beatriz Rodrigues Gonçalves com seu *Habitar várias línguas: a escrita multiteritorializada de Najat el Hachmi*, em que se desenvolve abordagem sobre habitar várias línguas e suas diferentes realidades de cultura, o amazigh, o catalão e o castelhano, compondo-se uma identidade necessariamente múltipla.

Num segundo bloco de ensaios, com ênfase na percepção e experiência de espaços e subjetividades, os autores tratam, em contextos literários diferentes, da construção de espaços,

especialmente o urbano, e sua relação com a configuração de subjetividades, seja no século XIX, seja na contemporaneidade. Em *Formas ideais: imagens da utopia em La fièvre d'Urbicande*, André Cabral de Almeida Cardoso analisa a questão da utopia e do imaginário, no comparativo entre a narrativa gráfica de François Schiten e a literária de Benoît Peeters, com a discussão das tensões geradas pelo confronto entre duas visões que a narrativa de *La fièvre d'Urbicande* tenta conciliar. A relação com a cidade também é tema de *O Rio de Janeiro inscrito em Memórias Póstumas de Brás Cubas*. As articulistas Simone Maria dos Santos Cunha e Juracy Ignez Assmann Saraiva afirmam que Machado de Assis não é um mero descritor de cenários, mas um acurado crítico que, ao inscrever a cidade do Rio de Janeiro em seu romance, posiciona-se diante de seu contexto histórico-social e o avalia. Em *Duas fábulas da cidade: configurações do espaço urbano em Bernardo Carvalho e João Cabral de Melo Neto*, Diana Junkes Martha Toneto tece considerações sobre as figurativizações contemporâneas da cidade, contrapondo textos dos dois escritores.

Com o interesse de pensar o espaço e suas representações literárias, Paulo Ricardo Kralik Angelini confronta obras de José Saramago e Gonçalo Tavares, a fim de analisar a destruição espacial e as imagens recorrentes e complementares em *O ano de 1993* e *Um homem: Klaus Klump*. Já na perspectiva da narrativa policial, Carla Portilho apresenta, em *Uma boa mãe de família chicana: a práxis cotidiana na série Brown Angel Mysteries, de Lucha Corpi*, o questionamento sobre o modo como o trabalho doméstico e os mitos e crenças, herdados da tradição mexicana, podem representar um papel político, uma tática por meio da qual as comunidades marginalizadas representadas buscam se (re)apropriar de um espaço cultural, político e socioeconômico, estabelecendo novos protocolos de convívio entre o centro de poder e a periferia.

A partir de abordagens teórico-críticas mais recentes em torno da relação homem e natureza, homem e mundo, a autora de *A ecocrítica queer de Elizabeth Bishop no Bras/zil*, Eliana Ávila, expõe uma leitura do conflito entre a recusa de uma identidade de gênero para a voz lírica, no poema "Brazil, January 1, 1502", e a atribuição de uma identidade geopolítica engendrada para o outro. No campo da poesia brasileira, Luciana Maria Di Leone analisa em *Trânsitos afetivos na poesia contemporânea: cartografias, relevos e percursos*, a poesia da jovem poeta carioca Marília Garcia, discutindo os encontros afetivos como momentos conflitantes, que intervêm na cartografia das subjetividades, desestabilizando toda possibilidade de localização, ao mesmo tempo em que criam diferentes espaços de pertencimento. É também sobre poesia que falam Daniele Pimentel, Luís Heleno Montoril del Castillo e Rodrigo Lelpo. Os dois primeiros tratam da poesia visual de Max Martins e abordam o diálogo entre *poesia, imagem e pensa-*

mento a partir da perspectiva teórica ligada ao ideograma e ao estudo da forma (Gestalt). O terceiro ensaísta, em *O pensamento das coisas em Francis Ponge e Georges Perec*, analisa os processos de subjetivação lírica com o estabelecimento da relação entre homem, linguagem e as coisas.

De volta a Machado de Assis e à narrativa em prosa, o texto de Matildes Demétrio, *As reviravoltas da história e da ficção no diário do Conselheiro Aires*, analisa o último romance do escritor oitocentista, à luz do questionamento do gênero diário como escrita entre a História e a ficção, o que produz unidades de sentido a serem repensadas.

Por fim, este número publica uma resenha sobre obra recente de forte interesse, *As Cidades, Os Castelos e a Onda – Imagens, Diagramas e Metáforas entre Calvino, Escher e Bohr*, de João Araújo, em que se avalia como seu autor adota um olhar crítico sobre quatro campos do saber: a Literatura, as Artes Visuais, a Matemática e a Física, buscando, na interdisciplinaridade, um eixo importante e fundamental hoje para pensar epistemologicamente a criatividade humana.

Como o leitor poderá verificar, a variedade das análises e a atualidade do instrumental crítico e teórico utilizado presentes nesses estudos, oriundos de diferentes espaços acadêmicos no Brasil e fora dele, certamente colaborarão para uma maior partilha de conhecimentos, constituindo-se um espaço vivo e dinâmico para a circulação de ideias e seu debate. Cumpre-se assim a motivação deste número: pensar alguns trajetos do contemporâneo e possibilitar a todos que se interessam pelos temas aqui tratados perspectivas, abordagens e instrumentos conceituais diversos para que a leitura seja também uma experiência salutar de transformação de saberes, de percursos de espaços originais e criativos do pensamento atual.

Ida Alves

Maria Elisabeth Chaves de Mello